



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

EVA VALERIANA ROSA

**UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS: A CULTURA E A
EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA DO
MIMOSO DA CIDADE DE ARRAIAS - ESTADO DO TOCANTINS**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Eva Valeriana Rosa

**Um olhar sobre os desafios: a cultura e a educação na
comunidade quilombola kalunga do mimoso da cidade de
arraias - estado do tocantins**

Monografia a ser apresentada à UFT -
Universidade Federal do Tocantins *Campus* de
Miracema para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Severino Roberto de
Lima

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R788o Rosa, Eva Valeriana.

Um olhar sobre os desafios: a cultura e a educação na comunidade quilombola Kalunga do Mimoso da cidade de Arraias - Estado do Tocantins. / Eva Valeriana Rosa. – Miracema, TO, 2025.
55 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientador: Severino Roberto de Lima

1. Educação. 2. Cultura. 3. Comunidade Kalunga do Mimoso. 4.
Suça. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EVA VALERIANA ROSA

UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS: A CULTURA E A EDUCAÇÃO
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA DO MIMOSO DA
CIDADE DE ARRAIAS - ESTADO DO TOCANTINS

Monografia apresentada à UFT – Universidade
Federal do Tocantins – *Campus* de Miracema,
para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, sob orientação do Prof. Me. Severino
Roberto de Lima

Data de aprovação 18/06/2025:

Banca Examinadora:

Prof. Me. Severino Roberto de Lima. Orientador, UFT

Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho. Examinador, UFT

Profa. Dra. Sabrina Pla Sandini. Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela força, por ter me dado saúde, e estar conseguindo realizar o meu sonho, por continuar lutando nessa nova carreira. Quero agradecer também a minha família, sobre tudo meus pais por estarem ao meu lado, por acreditarem em meus sonhos e objetivos, me incentivando e lutando comigo em busca deles e me dando forças para não desistir.

Agradeço aos meus amigos e amigas. As pessoas que sempre me motivaram a estudar e não desistir do curso escolhido por mim.

Estendo meus agradecimentos aos meus colegas da faculdade (Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus – Miracema do Tocantins) por estarem presentes nas horas mais difíceis desta caminhada, foi uma parceria muito acolhedora e importante ao decorrer do curso, levarei para a minha vida profissional e pessoal.

Agradeço meu esposo e minha filha de 9 anos por estarem ao meu lado, com lindas palavras: “você consegue mãe, você é capaz”!

Gratidão ao meu orientador, Prof. Me. Severino Roberto de Lima por ter paciência comigo nas orientações, por fim, agradeço a todos professores que contribuíram para realização desse objetivo.

RESUMO

O objetivo do trabalho é discutir e abordar algumas questões sobre a temática quilombola, e compreender como acontece o processo educacional e cultural da comunidade quilombola Kalunga Mimoso localizada em Arraias-Tocantins. Os objetivos da pesquisa consistem em estudar e entender os desafios enfrentados por essa comunidade e buscar alternativas e melhorias que promovam a diversidade cultural, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Como metodologia, mostra-se na característica de pesquisa qualitativa documental e bibliográfica, o estudo consiste na revisão bibliográfica sobre o escravismo no Brasil e em específico, no Tocantins, relatamos sobre a educação nas comunidades quilombolas e em especial a de Kalunga Mimoso – Arraias/TO. Os temas abordados foram escolhidos a partir de pesquisas feitas na biblioteca virtual, Scielo, Google Acadêmico, em livros e em artigos científicos. Os resultados alcançados indicam a necessidade de uma maior compreensão das tradições culturais, manifestações artísticas e práticas sociais. Houve um aumento na participação da comunidade nas ações educativas, mas ainda existem desafios a serem enfrentados, como a necessidade de maior investimento em infraestrutura e na formação continuada dos profissionais das comunidades quilombolas do Brasil e do Tocantins.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Comunidade Kalunga do Mimoso. Suça.

ABSTRACT

The objective of this study is to discuss and address some issues related to quilombola communities and to understand how the educational and cultural process of the Kalunga Mimoso quilombola community located in Arraias-Tocantins takes place. The objectives of this research are to study and understand the challenges faced by this community and to seek alternatives and improvements that promote cultural diversity, ensuring that all voices are heard and respected. The methodology used is qualitative documentary and bibliographic research. The study consists of a bibliographic review on slavery in Brazil and specifically in Tocantins. We report on education in quilombola communities, especially in Kalunga Mimoso – Arraias/TO. The topics covered were chosen based on research conducted in the virtual library, Scielo, Google Scholar, books and scientific articles. The results obtained indicate the need for a greater understanding of cultural traditions, artistic expressions and social practices. There has been an increase in community participation in educational activities, but there are still challenges to be faced, such as the need for greater investment in infrastructure and continued training for professionals in the quilombola community in Brazil and Tocantins.

Keywords: Education. Culture. Kalunga do Mimoso Community.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1. Regiões e os quilombos no Estado do Tocantins.....	25
--	----

LISTA DE FIGURAS

Foto 1. Casa típica da região quilombola.....	29
Foto 2. Escola antiga da comunidade.....	30
Foto 3. Escola Municipal Polo Matas antes da construção	32
Foto 4. Escola Polo Matas depois da construção	32
Foto 5. Inauguração da Escola Polo Matas	33
Foto 6. Foliões organizando os cavalos	41
Foto 7. Bandeira da Folia do Mimoso	42
Foto 8. Preparação do jantar	43
Foto 9. Museu Histórico e Cultural de Arraias – MHCA	45
Foto 10. Quilombolas dançando a súça em Kalunga do Mimoso	46

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização da Comunidade Kalunga Mimoso	28
--	----

LISTA DE SIGLAS

CONAE	Conferência Nacional de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística MHCA - Museu Histórico e Cultural de Arraias
OIT	Organização Internacional do Trabalho
SEDUC/TO	Secretaria de Educação do Estado do Tocantins
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O Escravismo no Brasil	12
1.2	Problema de pesquisa	17
1.3	Objetivo Geral	17
1.4	Objetivos específicos	17
2	METODOLOGIA	18
3	DESAFIOS DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL	21
3.1	Quilombos no Tocantins	25
3.2	Negros na região Sudeste do Tocantins	26
3.3	Realidade Socioeconômica	28
3.4	Uma nova educação em Kalunga do Mimoso	34
3.5	Direitos legais de educação em Kalunga do Mimoso.....	35
3.6	Conflitos Fundiários em Mimoso do Kalunga.....	37
4	CULTURA E TRADIÇÃO	39
4.1	Folia De Reis	40
4.1.1	O Arremate	42
4.2	A dança Bolé	43
4.3	Suçã: dança negra nas festividades da comunidade Kalunga do Mimoso	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51
	ANEXOS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Me chamo Eva Valeriana Rosa, sou natural de Arraias -TO, sou estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Miracema. Há 12 anos vim para Palmas - TO, meu pai e, principalmente, minha mãe fizeram esforços significativos para eu ter uma boa educação. Então, o foco realmente foi o de ser uma aluna dedicada, independente da escola em que eu estivesse, pois passei pela escola Matas no município de Arraias com o ensino seriado, até chegar em Palmas – TO passei por dificuldades, contudo cheguei até a Universidade Federal do Tocantins, e sou estudante do curso de Pedagogia.

Durante o curso tivemos a oportunidade de conhecer a disciplina História da Educação, que nos chamou a atenção, pois falava e relatava sobre os quilombos além de falar sobre a resistência do povo negro, além disso, percebemos que esse assunto já foi muito negligenciado nos anais da história.

Os debates realizados na disciplina História da Educação nos inspiraram a querer continuar estudando mais sobre negritude, pois ainda havia muitas dúvidas na época sobre como nos identificarmos enquanto a raça/cor. Quando fizemos a escolha do tema, um olhar sobre os desafios: a cultura e educação na comunidade quilombola do mimoso da cidade de Arraias no Estado do Tocantins, nos ajudou a pensar em nossa trajetória de vida, e nos percalços sofridos até aqui, principalmente o quilombo de nossa origem.

O objetivo do Trabalho de Conclusão de Curso nessa temática, é de investigar sobre a realidade do povo quilombola, o que mudou na educação, na cultura, os desafios enfrentados, o antes e depois de sermos reconhecidos como comunidade quilombola, para compreender como as histórias e memórias são utilizadas na construção da identidade sociocultural dessa comunidade.

A pesquisa foi baseada nas vivências que tive durante a minha trajetória vivida no quilombo, desta forma pude explorar as experiências dos povos habitantes da comunidade, valorizando as experiências de cada um, para entender como a memória se projeta em um panorama cultural ligado a um passado compartilhado pela comunidade, para entender como as pessoas se relacionavam com a lida da terra e com as pessoas de outras comunidades ao longo do tempo.

Uma vez inserida na Universidade, procuramos aproveitar ao máximo o que este ambiente pode proporcionar, tanto a comunidade externa, quanto interna. As

experiências de estudar em uma Universidade pública e vivê-la para além da sala de aula repercutiram na escolha deste tema “final” para nos dedicarmos e concentrarmos as energias nesse encerramento do curso.

Faz tempo que a imagem dos quilombos tem sido utilizada para evocar a resistência antirracista, bem como propor um modelo societário a ser seguido. Até o século XX, o topo predominante sobre a resistência quilombola valorizava experiências masculinas em termos de virilidade, violência e força. Entretanto, nas últimas três décadas, estamos presenciando transformações nos significados atribuídos à resistência quilombola.

A recente visibilidade e o reconhecimento do protagonismo das mulheres quilombolas na luta pela terra exprimem que o conteúdo dessas mudanças incorpora a dimensão de gênero. Esse acontecimento histórico materializa-se em inúmeros trabalhos acadêmicos, documentários e matérias jornalísticas. Segundo a autora (Dealdina, 2020) “destaca-se, a obra coletiva escrita por dezoito mulheres quilombolas, apresenta teorizações que acontecem rente aos corpos nos enfrentamentos com a violência que incide sobre seus territórios, suas comunidades e suas corporeidades.” Descreve a autora (Dealdina, 2020) “nas últimas três décadas, as mulheres quilombolas deslocaram-se da invisibilidade e ocuparam a cena pública como autoras de suas histórias.”

1.1 O Escravismo no Brasil

A escravidão é um dos fenômenos que induziu a discriminação racial aos negros. Durante a escravidão o negro era como uma propriedade de outra pessoa e ocupava a mais baixa posição na sociedade. Mesmo com o fim da escravidão séculos depois, a discriminação racial aos negros não desapareceu, chegamos ao entendimento de que escravidão marcou negativamente a vida de seres humanos com a cor da pele negra e, sem dúvidas, a inferioridade do negro perante o branco se deve em grande parte pela escravidão. (JORNAL DA USP, 2020).¹¹

Segundo Moura (1989),

O escravismo no Brasil deixou legados de desigualdade social, racismo, discriminação, marginalização do negro, urbanização desigual marcada pela

¹ Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/> Acesso em: 14.Set.2024.

segregação, sistema de trabalho exploratório, deficiência na educação e apesar de toda diversidade, os negros deixaram uma rica cultura, como as diversidades artísticas, religiosas, gastronômicas, manuseio da agricultura; e com uma força significativa deixaram a resistência, sendo este o elemento fundamental que permitiu que os demais legados não fossem anulados. (MOURA, 1989, p. 55).

Quando a escravidão de africanos foi introduzida no Brasil, seu objetivo era o aumento da produção de riquezas, nota-se que a escravidão indígena também existia. Sabemos que o racismo foi uma ideologia criada ao longo do século XIX, onde buscava-se justificar a escravidão retrospectivamente, identificando o escravo ao negro. De acordo com o Jornal da USP, sabe-se que a escravização de africanos e afrodescendentes foi o ponto contraditório do liberalismo brasileiro. A escravização em período áureo do liberalismo que declarava a liberdade aliada ao principal objetivo da classe burguesa, o direito à propriedade privada cresceu durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

A população negra no Brasil apresenta precárias condições de saúde devido a condições de pobreza, problemas de habitação, saneamento, educação, trabalho, entre outros causados pela abolição incompleta, da escravatura, em 1888, isto é, aboliram a escravidão, mas não indenizaram os escravizados. Tal situação é acrescida ainda pela sua “composição étnica”, que resulta em doenças que predominam nesse grupo, como a pressão alta e a doença falciforme (SOUZA, 2013, TELES et al., 2017, p. 16).

Essas dificuldades, principalmente a distância dos grandes centros urbanos, prejudicam o acesso à saúde nas comunidades quilombolas e o acompanhamento contínuo e indispensável às pessoas que necessitam de atendimento médico especializado (ANDRADE et al., 2015, p.16).

Essa condição também foi confirmada em pesquisa realizada pela Fundação Euclides da Cunha (2009), com 60 comunidades quilombolas, em 22 estados nas cinco grandes regiões do Brasil. A pesquisa revelou que um dos problemas mais eminentes em todas as regiões foi em relação à precariedade no atendimento à saúde. A inexistência de unidades de saúde em muitas comunidades, associada à cobertura limitada do Programa de Saúde da Família, restringe o acesso dos quilombolas aos serviços médicos, mesmo nos níveis mais elementares de atendimento. Essa ausência os leva a buscar o atendimento em lugares distantes e de difícil acesso, sujeitando-os as condições ruins das estradas e ao preço elevado dos meios de transporte disponíveis. (FUNDAÇÃO EUCLIDES CUNHA, 2009, p, 17).

Portanto, as questões socioeconômicas, raciais e de gênero estão fortemente associadas às iniquidades em saúde. Isto se deve, muitas vezes, à falta de investimentos em ações específicas que resultem na identificação, prevenção e combate às práticas discriminatórias, bem como à não priorização de estratégias que reduzam as desigualdades (BRASIL., et al, 2011, p. 236).

A história do negro, escravizado na África e trazido a força para o Brasil ocorreu a partir do século XVI, com o tráfico de africanos para o Brasil, pois era um negócio altamente lucrativo para comerciantes dos dois lados do oceano Atlântico.

O tráfico era realizado por comerciantes portugueses, que foram sendo substituídos por brasileiros até que, no século XVIII, eles passaram a ter o domínio sobre os negócios do tráfico de negros escravos. Existe uma estimativa que cerca de 11 milhões de africanos foram trazidos à força para as Américas na condição de escravizados entre os séculos XVI e XIX. (JORNAL DA USP, 2020).²

Os quilombos foram uma das formas de resistência grupal dos escravizados, emergindo onde havia trabalho escravo ou mocambo, que era quando os escravos fugiam para o mato e se abrigavam, os quilombos era a unidade básica de resistência (MOURA, 1992, p.25).

Clóvis Moura (1989), um dos maiores historiadores da história do negro no Brasil, elucida o papel do negro na formação da própria nação brasileira. Segundo dados demográficos apresentados pelo autor, “o negro é distribuído pelo território nacional e apesar de toda diversidade, o negro não apenas povoou, mas também dinamizou o Brasil através do seu trabalho e ocupando espaços sociais e econômicos.” (MOURA, Clóvis, 1989, p. 25).

A quilombagem compreende o movimento de rebeldia concebido pelos próprios escravos, um movimento de mudança social que desgastava o sistema escravagista, sendo um braço forte do movimento liberal abolicionista. Todavia, não incluía apenas negros fugitivos, mas também índios, mulatos, curibocas, fugitivos militares, brancos pobres, fugitivos do serviço militar e prostitutas (MOURA, CLÓVIS, 1989, p. 25).

Manifestando-se em diversos locais do Brasil, “quando descoberto e destruído, o quilombo ressurgia, reorganizado, com novas casas e novos sistemas de defesa” (MOURA, CLÓVIS, 1988, p. 103).

² Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/> Acesso em: 14.Set.2024

A quilombagem atravessava o sistema escravocrata, desarticulando-o, confrontando-o, negando-o e ameaçando o grande número de pessoas que se beneficiavam, direta ou indiretamente, desse trabalho. Em um contexto economicamente fechado, onde quem trabalhava era somente o negro, a quilombagem representava a resistência dos negros contra todo o sistema parasitário (MOURA, CLÓVIS, 1989, p.25).

Entender que o Brasil foi constituído com base na resistência é essencial, e essa resistência ainda existe e é necessária para o povo. Nossa realidade étnica não se equilibra pela miscigenação, mas sim hierarquiza e inferioriza socialmente, de modo que muitos não se consideram negros. Uma pesquisa do IBGE, na década de 1980, revelou 136 diferentes denominações de cor para os não-brancos, demonstrando uma tentativa de escapar dessa inferiorização. (MOURA, CLÓVIS, 1988, p.33).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, que o Brasil tem em sua população 1.327.802 quilombolas. Os dados são do Censo 2022, que registrou que essa população reside em 1.696 municípios no país, mas está, em sua maioria, no Nordeste: 68,19% estão concentrados no Nordeste. Essa é a primeira vez que o Censo investiga esse grupo (IBGE, 2022).

Em relação ao total de habitantes no Brasil, os quilombolas representam uma parcela de 0,65%. No recorte estadual, é na Bahia onde está a maior parte da população quilombola, 29,9%. O município com o maior número de pessoas quilombolas é Senhor do Bonfim (BA), com 15.999, seguido por Salvador, com 15.897. O segundo estado onde estão mais quilombolas é o Maranhão, com 20,26%. Na cidade maranhense de Alcântara, há 15.616 quilombolas. Juntos, Bahia e Maranhão concentram pouco mais de 50% desse grupo no Brasil (IBGE, 2022).

Em entrevista, proferida por Clóvis Moura (2021) o autor comenta que, na segregação da cultura negra, quanto mais próximo alguém está das matrizes africanas, mais desqualificado é considerado; e quanto mais próximo do padrão branco, qualificado. Essa tendência faz com que muitos tentem se afastar de suas origens africanas, levando à ideia de que ninguém quer ser negro no Brasil. A segregação foi uma estratégia de colonização e se perpetua, décadas depois da abolição da escravidão. No entanto, quando são criados direitos e a etnia passa a ser valorizada e beneficiada, é possível fomentar o reconhecimento étnico. Assim, aqueles que antes não se orgulhavam de suas origens podem, finalmente, encontrar

coragem para se reconhecer e valorizar sua identidade.

Na mesma entrevista, Clóvis Moura (2021) faz uma observação sobre a educação, destacando como o saber foi monopolizado e como qualquer pessoa que não falasse o português cartesianamente era considerada "chula". O autor menciona o Decreto Couto Ferraz de 1854, que determinava: "Não serão admitidos á matricula, nem poderão frequentar as escolas: [...] §3º. Os escravos". A interdição também era para a instrução secundária: o Artigo 85 reiterava: "Não serão admitidos á matricula, nem poderão frequentar o colégio, os individuos nas condições do Art. 69". Ou seja, essa proibição impedia até mesmo a frequência às aulas pelos negros, mesmo que sem matrícula formal.

Na entrevista na plataforma do youtube, Clóvis declara que antes era proibido, com o tempo, transformou-se em direito garantido por políticas abriram uma nova perspectiva, permitindo o acesso á educação superior para grupos historicamente excluídos.

As discussões sobre essa temática buscam ressignificar o direito à igualdade e promover uma virada democrática étnica, garantindo direitos sem barreiras impostas por mecanismos de contenção. "A cultura tem sido um instrumento de dominação, e o sistema escravista exerceu isso com eficácia, suprimindo os valores das culturas dominadas" (MOURA, CLÓVIS, 1989, p.35).

Entretanto, essa virada democrática não se limita à concessão de direitos; ela exige a valorização e a inclusão dessas culturas, para que sejam reconhecidas, apreciadas e celebradas como parte integrante da identidade nacional. Nesse contexto, a educação se revela uma ferramenta essencial, pois, além de ser um direito, é fundamental para incorporar um currículo que respeite, valorize e integre os saberes tradicionais das comunidades quilombolas.

Munanga (2015) destaca a importância de ensinar a história dos negros no Brasil, ressaltando que essa trajetória histórica resultou em desigualdade, racismo, intolerância e xenofobia. O autor acredita que a implementação de políticas voltadas para o respeito e reconhecimento desses povos, integradas ao ensino multicultural na educação brasileira, é fundamental para a construção de uma cultura de paz e a eliminação da discriminação e opressão social.

Sendo assim, o propósito deste trabalho é conhecer os desafios culturais e educacionais enfrentados no contexto específico da comunidade quilombola de Mimoso, na cidade de Arraias, interior do Estado do Tocantins. Destacamos a

importância em que os profissionais educadores tenham uma visão abrangente sobre as raízes histórico-culturais referentes ao povo quilombola.

E por meio deste estudo, buscamos ainda evidenciar como os elementos associados à cultura, educação e identidade precisam ser relacionados às matrizes africanas em sala de aula, no sentido de contribuir na formação dos sujeitos. Nesse sentido anunciamos o seguinte problema e objetivos da pesquisa.

1.2 Problema de pesquisa

Um dos maiores quilombos do Tocantins requer uma visibilidade maior e atenção para a educação, e cultura, sendo assim, quais as dificuldades que a comunidade quilombola Kalunga Mimoso enfrenta em relação à educação e a sua própria cultura?

1.3 Objetivo Geral

Entender como acontece o processo educacional e cultural da comunidade quilombola Kalunga Mimoso localizada em Arraias -Tocantins.

1.4 Objetivos Específicos

- ✓ Valorizar a base histórica da comunidade, ressaltando a importância da educação e cultura do quilombo;
- ✓ Identificar os valores e os desafios enfrentados pela comunidade e buscar soluções que promovam a diversidade cultural do quilombo;
- ✓ Reconhecer as formas de expressão educacional e cultural existentes na comunidade quilombola Kalunga do Mimoso.

2. METODOLOGIA

O presente artigo possui como metodologia a característica de pesquisa qualitativa documental e bibliográfica, conforme Lüdke; André (2014). O estudo consiste na revisão bibliográfica sobre o escravismo no Brasil e em específico, no Tocantins, relatamos sobre a educação nas comunidades quilombolas do Tocantins e em especial a de Kalunga Mimoso – Arraias/TO. Os temas abordados foram escolhidos a partir de pesquisas feitas na biblioteca virtual, Scielo, Google Acadêmico, em livros e artigos científicos.

A princípio, o trabalho se desenvolve através da temática voltada para a trajetória do escravismo e como isso afetou a educação no Brasil e em consonância no Tocantins. Definimos artigos e publicações cujo foco principal foi demonstrar e caracterizar a história de como ocorreu o escravização dos africanos no país, o contraste que se deu na cultura, educação e o currículo escolar e suas práticas educativas. Nesse sentido E, portanto, são os primeiros temas do trabalho para se entender melhor a história do negro no Brasil e são muito importantes para nossas reflexões durante a leitura do artigo em questão.

Em seguida seguimos trabalhando com o intuito de entender a educação, cultura e também a economia dos quilombos no Estado do Tocantins, em especial, Kalunga do Mimoso. O trabalho tem uma abordagem bibliográfica buscando demonstrar os objetivos, público-alvo, resultados e avanços alcançados sobre a atuação da educação e cultura da comunidade quilombola, e ainda utiliza-se como referencial os autores que tratam a perspectiva do tema em questão, autores com propósitos de agregar na formação de docentes bem como, a atuação na educação da comunidade quilombola do Kalunga do Mimoso – Arraias/Tocantins.

Segundo Barros (2007, p.55), com esse tipo de pesquisa pode-se: construir trabalhos inéditos daqueles que pretendem rever, reanalisar, interpretar e criticar considerações teóricas, paradigmas e/ ou criar novas proposições de explicação de compreensão dos fenômenos das diferentes áreas do conhecimento. Para realizá-la: deve-se fazer levantamento dos temas e dos tipos de abordagem já trabalhados por outros estudiosos, assimilando conceitos já publicados e explorá-los. É relevante: levantar e abordar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, Internet, videotecas etc.

A pesquisa qualitativa documental e bibliográfica é uma modalidade de estudo

e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Como característica diferenciadora temos o estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica. Segundo Oliveira (2007) a principal finalidade da pesquisa bibliográfica é proporcionar aos pesquisadores e pesquisadoras o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo.

Portanto, o estudo bibliográfico desenvolve duas funções fundamentais: a solução do problema existente e a sondagem das áreas onde os problemas ainda não ocorreram; e, para delinear e resolver os contratempos já conhecidos através da bibliografia, na qual os/as pesquisadoras/es têm o acesso às informações de um determinado tema.

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao pesquisador o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”. (MARCONI, 2001, p.43-44).

A pesquisa bibliográfica documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências Humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas ou não são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou se constituir como instrumento metodológico complementar.

A pesquisa qualitativa é um método de pesquisa que se concentra em compreender aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Ela é utilizada para entender de forma mais profunda o tema pesquisado e o que as pessoas pensam a respeito.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bodgan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 14).

A pesquisa qualitativa, para Merriam (1998), envolve a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade de um

determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos.

Segundo Gil, (2002), a pesquisa qualitativa é uma abordagem que se conecta com maior intensidade ao objeto de estudo, ou seja, ela é subjetiva, pois, deve buscar entender o fenômeno a partir da perspectiva do próprio contexto e das pessoas envolvidas. Para Gil (2002), essa metodologia se baseia na dinâmica e na abordagem do problema pesquisado, ou seja, ela se adapta às particularidades de cada situação, permitindo uma compreensão mais rica e detalhada.

Portanto, a metodologia adotada nesse trabalho foi elaborada para garantir a obtenção de dados relevantes, e alinhados aos objetivos propostos no decorrer desse estudo. Foram utilizados procedimentos confiáveis para a obtenção e análise de dados que possibilitaram uma maior compreensão do tema, além de assegurar a validade e a consistência dos resultados obtidos. Essa abordagem metodológica contribui para a credibilidade do estudo e fornece uma base sólida para as análises e conclusões apresentadas.

3. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL

Segundo o anexo A, (p.56) - Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012, destaca a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. De acordo com tais Diretrizes:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2012, p. 42).

O Anexo B, (p.56) da Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, resolve que:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução. § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas remanescentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2012, p. 03).

No Anexo C, (p.56) do Parecer CNE/CEB nº 8/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020 – Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas destaca que este parecer pretende abordar ou expressar as reais condições de oferta dessa modalidade e discutir procedimentos operacionais que neutralizem a realidade de legislações e normas desobedecidas, não aplicadas ou interpretadas de modo equivocado, em acordo e/ou parceria com interesses de grupos não quilombolas, gerando descrédito nas políticas públicas, frustração e indignação dos povos da diversidade atendidos nos quilombos. Para ampliar uma compreensão contextualizada da importância dessa questão, é necessário revisitar alguns entendimentos sobre educação formal das populações negras no Brasil, no âmbito de dimensões que compreendem suas relações sociais, econômicas e políticas, considerando a importância de técnicas educativas

diferenciadas, saberes tradicionais, territorialidades, histórias, culturas, trajetórias, migrações, lutas, tensões e vitórias.

A luta contra a escravidão ocorreu a partir da organização de grupos de negros e negras em busca da liberdade, fugindo, criando quilombos, sabotando as plantações, formulando ou participando de insurreições armadas, contestando o sistema escravista e se contrapondo por meio destas organizações a este sistema (MOURA, 1992).

Nas décadas de 1970 e 1980, momento de crescimento da produção acadêmica brasileira sobre a temática racial, os quilombos receberam, na literatura acadêmica, as denominações de “comunidade negra rural” e “território negro”. Segundo Ratts (2007, p. 55), essas denominações foram produzidas e ditas no mundo acadêmico sob forte debate teórico que “no mínimo incomoda a academia brasileira nas décadas de 1970 e 1980”. (RATTS, 2007, p. 55).

Ao que se acrescenta:

Então, nesse momento, a utilização do termo quilombo passa ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta, como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade. (NASCIMENTO, 2009, p. 53).

Em 2001, a Conferência Nacional de Educação (CONAE), ocorrida em Brasília, debateu, em âmbito geral, a diversidade no campo da política educacional. Como resultado desse debate houve a inclusão da Educação Escolar Quilombola como modalidade da Educação Básica no Parecer CNE/CEB 07/2010 e na Resolução CNE/CEB 04/2010 que instituem as Diretrizes Curriculares Gerais para a Educação Básica. A CONAE (2010) definiu que a educação quilombola é da responsabilidade do governo federal, estadual e municipal e estes devem:

a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional. b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo,

observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local. c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/as profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo. d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados. e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas. f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas (BRASIL, 2011, p. 9).

Clóvis Moura (1993), indica a necessidade de estudar e desvelar a questão étnico-racial no Brasil para adentrarmos nas particularidades das relações sociais capitalistas brasileiras. Conforme afirma Moura (1993, p. 8), é a “sociabilidade” criada na escravidão que direciona, em grande medida, “o tipo de desenvolvimento subsequente de instituições, de grupos e de classes, após a abolição”. (MOURA, CLÓVIS, 1993, p. 8).

A história da educação brasileira terá como balizadora a formação de uma sociedade dualista, decorrente dos séculos de escravidão e que se desdobra para além desse período. A lógica da escravidão estava em desacordo com as premissas da modernidade, do liberalismo, da liberdade do indivíduo, do domínio sobre seu próprio corpo e da vontade autônoma (SCHWARZ, 2012).

Segundo Passos (2010, p. 61-62),

Cursos noturnos foram criados a partir do Congresso Agrícola do Rio de Janeiro, em 1878, quando ocorreu um amplo debate sobre a educação para livres e libertos no município da Corte, sendo estabelecido que esse processo tivesse validade nacional. Segundo a autora, tal fato provocou a criação de cursos semelhantes em diversas províncias, surgindo ações de instrução primária e profissional de adultos. Porém não significou “que essas experiências tenham se universalizado para escravos e negros livres, pois em outras províncias, como, por exemplo, São Pedro do Rio Grande do Sul, era proibida a presença de escravos e de negros libertos e livres” (idem, p. 61-62).

Uma proposta de educação quilombola necessita fazer parte da construção de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. Isso significa que o próprio projeto político-pedagógico da instituição escolar ou das organizações educacionais devem considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das

comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Por sua vez, a permanência deve ser garantida por meio da alimentação escolar e a inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior. (BRASIL, 2012, p. 26).

Em relação à educação, segundo Araújo e Foschiera (2012, p. 43),

Além da ausência de um currículo e conteúdo próprio que incorpore a cultura local nas aulas, a infraestrutura da maioria das escolas quilombolas ainda está muito aquém do desejado, mesmo com a destinação de verbas específicas para essa finalidade. Além disso, muitas comunidades tocaninenses, destacaram a necessidade de programas específicos que auxiliem na permanência de professores e alunos quilombolas na escola de sua comunidade, como, por exemplo, a implantação do Ensino Fundamental e Médio e a capacitação de professores quilombolas para atuarem nas escolas das comunidades. (ARAÚJO E FOSCHIERA, 2012, p. 43)

O espaço escolar reflete a sociedade e suas contradições, sendo palco de conflitos e desigualdades múltiplas e sobrepostas. Contudo, priorizar e potencializar as possibilidades existentes tem como objetivo desenvolver mecanismos educativos no horizonte da emancipação, conforme Paulo Freire, para quem a escola é vida: “[...] compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. (FREIRE, 2006, p.11).

Entendemos que sob a perspectiva educativa, a cultura quilombola é potencializadora de elaboração e criação de conteúdos educacionais escolares, fornecedora de referenciais para a compreensão da realidade e dos significados de vida das experiências da comunidade.

Quando refletimos sobre o currículo escolar e suas práticas educativas e trazemos para o centro da discussão a cultura local de uma comunidade quilombola, é conveniente que se reflita sobre o ser humano enquanto sujeito-objeto, que, analisado de um ponto de vista histórico, é um ser de relações com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo. Ele instaura a estrutura social e cria suas instituições. É partícipe de uma sociedade letrada, elege a escola como instituição específica que vai prepará-lo para o exercício cotidiano da cidadania. No entanto, a escola, enquanto instituição moderna, traz o formalismo e a lógica da dominação que impregnou a sociedade capitalista. Este formalismo impera sobre a organização e domina a cultura escolar: a introjeção de normas rígidas, estereotipadas e

uniformizantes, que aprisionam o sujeito nas malhas de uma estrutura fechada (BURNHAM, 1992, p. 23).

A pouca reflexão sobre as relações étnico-raciais na escola das comunidades quilombolas no país e o tratamento dado a essas questões, quando elas aparecem, contribuem para manutenção de práticas docentes que reproduzem a invisibilidade da cultura e da epistemologia da comunidade, contribuem para o não reconhecimento da identidade das crianças negras no cotidiano escolar (SILVA, 2007, p. 492).

3.1 Quilombos no Tocantins

De acordo com o documento do estado do Tocantins existem 39 comunidades quilombolas, que compreendem o patrimônio cultural estadual. Estas comunidades são detentoras de características culturais peculiares que as distinguem umas das outras e de toda a sociedade circundante, apresentando semelhanças no que diz respeito ao uso e ligação com a terra onde estão localizadas, pois esta é usada para manutenção na produção de alimentos necessários a sustentabilidade da comunidade e é o local —onde os seus antepassados estão enterrados, estabelecendo assim o sentimento de pertencimento a terra, onde as raízes culturais estão fincadas, resistindo às ações do homem e do tempo (GOVERNO DO TOCANTINS, 2024)³.

As comunidades quilombolas estão localizadas em 5 regiões do Estado do Tocantins.

Quadro 1. Regiões e os quilombos no Estado do Tocantins:

Região Sul	São José, Redenção, Claro, Prata, Ouro Fino, Lagoa da Pedra, Kalunga, Fazenda Káagados, Lagoa dos Patos, Rio das Almas
Região Norte	Ilha de São Vicente, Cocalinho, Dona Juscelina, Baviera, Pé do Morro, Grotão Vicente, Cocalinho, Dona

³

Disponível

em:

<https://www.to.gov.br/secult/comunidadesquilombolas/6njfrsueivpa#:~:text=Atualmente%2C%20segundo%20dados%20da%20Fundação%20A3o,norte%20e%20sul%20do%20Estado>. Acesso em: 07. Nov. 2024.

	Juscelina, Baviera, Pé do Morro, Grotão
Região Central	Santa Maria das Mangueiras, Barra da Aroeira, Mata Grande, Córrego Fundo, Malhadinha, Currálinho do Pontal, Manoel João, Morro de São João
Região Sudeste	Povoado do Prata, Mumbuca, Carrapato, Formiga, Ambrósio, Rio Novo, Rio Preto, Riachão, Boa Esperança, Baião, Laginha, São Joaquim, Lajeado.
Rota quilombola do Jalapão	Rio Novo, Mumbuca e Prata.

Fonte: Tocantins (2022).

As comunidades quilombolas vêm resistindo ao tempo e às influências exteriores, procurando manter e reproduzir seu modo de vida. Nesse contexto, a territorialidade exerce um papel fundamental em face da construção da própria identidade do grupo, pois as diferentes apropriações dos espaços moldam, de forma particular e única, cada uma dessas localidades (NERY, 2004).

O que está em questão ainda são as análises dos modos de vida e a cultura dessas sociedades quilombolas, evidenciando de antemão que a cultura quilombola não se reduz às práticas artísticas e religiosas, como a dança da súa, as festas de santo e as folias de reis.

Como diria Alecsandro Ratts (2006), a expressão “cultura quilombola” pode abranger, por exemplo, o saber local, a memória coletiva e o conhecimento geográfico ambiental (socioambiental). No modo de vida, cabe incluir a própria organização social, o parentesco, o espaço vivido por crianças, adolescentes e jovens, experiências de deslocamentos para as cidades, as formas de construção, plantação e colheita, o enfrentamento dos problemas como discriminação social e racial (RATTS et al, 2006).

3.2 Negros na região kalunga do Mimoso

Para conhecer a comunidade quilombola Kalunga do Mimoso, é necessário primeiro revisitar o passado do município de Arraias, especificamente no século XVIII, e relembrar a trajetória dos negros escravos que para lá foram levados à força para trabalharem nas minas de ouro. O município de Arraias está localizado na

região Sudeste do Estado do Tocantins, antigo Norte Goiano, região que foi conhecida por sua intensa atividade mineradora, durante o século XVIII. Também, por suas características coloniais, tem ganhado relevância histórica.

Em Arraias ocorreu a formação de quilombos antes da chegada dos brancos:

Diz a tradição popular em Arraias que, antes de ser povoada pelos mineradores brancos, essa chapada era núcleo de negros aquilombados. Estes negros eram escravos fugidos das áreas mineradoras de outros arraiais, por esse motivo focou conhecida como “Chapadas dos Negros” (APOLINÁRIO, 2007, p. 56).

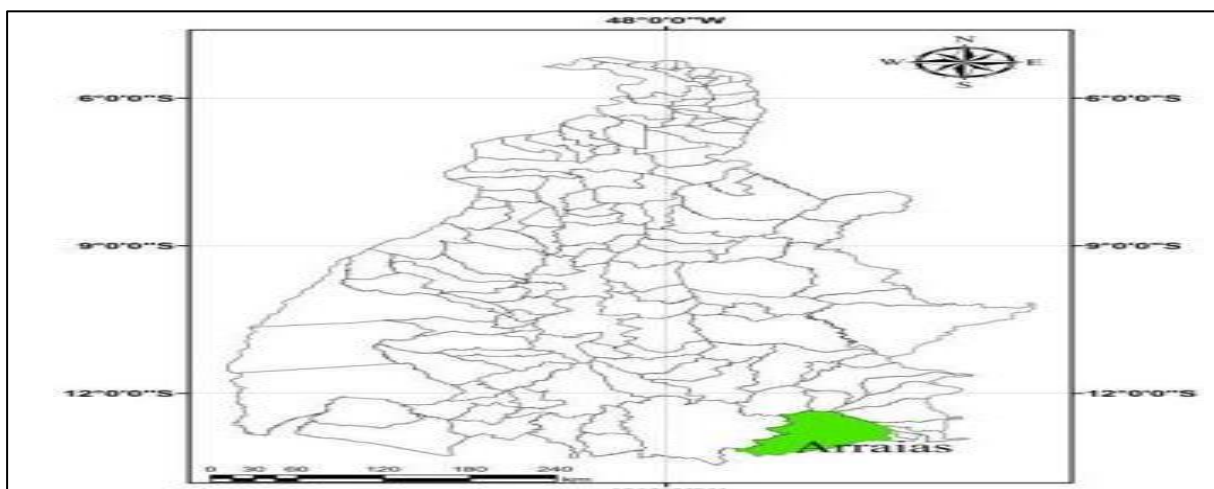
Antes da criação do estado do Tocantins, Mimoso era um dos núcleos familiares que fazia parte da comunidade Kalunga, por isso a sociedade arraiana os chamavam de Kalungueiros. Com a divisão do estado de Goiás e criação do estado do Tocantins, em 1988, a parte da comunidade pertencente aos municípios de Arraias e Paranã, ficou fora do processo de reconhecimento do Kalunga, desenvolvido pela associação de moradores Kalunga, em parceria com o estado de Goiás, ONGs e as prefeituras dos municípios de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina.

Cabe destacar que, mesmo estando em dois estados, os Kalungas têm a mesma ascendência, como destaca Oliveira (2006, p. 15):

Os moradores das duas partes do Kalunga, goiano e tocantinense, possuem a mesma origem histórica, viveram o mesmo processo de ocupação e resistência, praticam o mesmo estilo de vida, cultuam as mesmas tradições religiosas e culturais e descendem de troncos familiares comuns. (OLIVEIRA, 2006, p. 15)

A Comunidade Remanescente de Quilombo Mimoso do Kalunga localiza-se na região Sudeste do estado do Tocantins, no município de Arraias, a uma distância de 130 km da sua sede, conforme demonstra o (Mapa 1).

Mapa 1: Localização da Comunidade Kalunga Mimoso



Fonte: Adriano Dias de Souza Andrade (2013).

O reconhecimento da porção pertencente ao Tocantins como Comunidade Remanescente de Quilombo só veio 17 anos depois da parte goiana, no ano de 2005. A partir daí Mimoso passa a levar o nome de Mimoso do Kalunga. Porém, apesar de já ter passado vários anos do seu reconhecimento, quase nada mudou na vida dessas pessoas. Esta comunidade não possui registros escritos de sua história, sua origem e seu processo de ocupação, a memória sobre o passado da comunidade continua sendo repassada pela tradição oral.

A Comunidade Kalunga do Mimoso tem seus moradores dispersos por toda a área do território. A distância rodoviária da moradia das famílias até a sede do município de Arraias é em média de 120 km de estradas vicinais. Há trechos que apenas carros com tração especial conseguem passar. Nos tempos de seca, os obstáculos são de areia, já nas chuvas, os obstáculos são os atoleiros e córregos cheios e, a não existência de pontes.

3.3 Realidade Socioeconômica

A Comunidade Mimoso do Kalunga é composta por 250 famílias, tendo aproximadamente 1.500 pessoas, que residem em treze núcleos familiares em diferentes pontos da comunidade. As casas são distantes umas das outras, pois é uma comunidade dispersa. Em entrevista, os mais velhos relatam que a comunidade existe a mais de duzentos anos, e os mais novos pertencem a oitava geração dos primeiros escravos que ali se refugiaram. A vida na comunidade Kalunga do Mimoso é de extrema pobreza.

Segundo informações obtidas no Ruraltins /Arraias:

A área aproveitável para a agricultura familiar é insuficiente para a produção social das 250 famílias. As pessoas vivem basicamente da agricultura de subsistência, coleta de frutos silvestres e com escassa ocorrência da pesca em alguns núcleos (RURALTINS, 2010).

Essa comunidade não possui posto de saúde, sendo que o atendimento a saúde se dá na cidade de Arraias. Existe um agente de saúde na comunidade, que, segundo os moradores não atende toda a comunidade, pois o território é muito grande e ele acaba fazendo apenas algumas visitas esporádicas nas casas.

Em caso de emergência, ficam à mercê do único ônibus que faz duas viagens por semana até a cidade de Arraias e cujo valor pago por pessoa (de ida e volta) é considerado elevado, de R\$50,00 (cinquenta reais). Diante deste quadro, é comum a utilização de ervas medicinais e garrafadas nos casos mais simples de enfermidades e de recorrer aos curandeiros e as experientes parteiras da localidade.

Foto 1. Casa típica da região quilombola.



Fonte: Sandra Regina Evangelista Araújo (2012).

Segundo relatos de moradores, outro problema enfrentado pela comunidade é a precária condição em que se encontra a única estrada que dá acesso para a comunidade, pois isto dificulta ainda mais a ida para a cidade em busca de recursos. Segundo Pedro Torres, professor da Escola do agrupamento Aparecida e morador da Comunidade, atualmente, as coisas estão bem mais fáceis do que em tempos passados, pois não havia escola na comunidade. Porém, as crianças ainda enfrentam uma série de dificuldades para aprenderem a ler e escrever. Entre os elementos dificultosos está a estrutura das escolas, que são pequenos casebres que

foram construídos a muitos anos pelos próprios moradores, com paredes de pau-a-pique, piso de chão batido e teto de palhas, e estão tão velhas e desgastadas que quando chove ficam alagadas. Diante da situação precária dos prédios, não se pode assegurar a proteção desejada no seu interior. (ARAÚJO; FOSCHEIRA, 2012, p.220).

As carteiras, quando têm em número suficiente para os alunos sentarem, faltam os encostos para os braços, algumas até mesmo o assento. Não existem banheiros e possui apenas uma sala de aula, a chamada multisseriada (Foto 2).

Nestas escolas o ensino é apenas da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, nos termos atuais, de 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Foto 2. Escola antiga da comunidade



Fonte: Sandra Regina (2012).

Quando terminam a 4ª série as crianças que querem estudar as séries seguintes precisam ir para as escolas da cidade. Como muitos pais não têm condições Evangelista Araújo financeiras de manter essas crianças na cidade, pois o pouco dinheiro que ganham mal dá para o sustento do restante da família, elas acabam tendo que morar em casa de desconhecidos, nas quais, além de estudarem, têm que trabalhar como babás ou em alguns casos, como empregadas domésticas.

Ao chegarem nesta nova escola, há outras dificuldades a enfrentarem, como o preconceito e a discriminação por parte dos novos colegas, bem como a dificuldade de conseguirem acompanhar o ritmo das aulas, pois o sistema é diferente da escola que vieram. Algumas crianças que terminam a 4ª série e permanecem na comunidade por não ter condições de ir para a cidade e repetem a 4ª série por várias vezes.

Nesse aspecto, os dados etnográficos indicam um agravante do sistema de ensino ali presente, uma vez que a maioria dos estudantes, nomeadamente as meninas em idade de 12 a 17 anos, tem como estratégia de ocupação do tempo livre o retorno às séries já cursadas. Em outras palavras, mesmo tendo concluído as quatro primeiras séries, continuam a cursar por vários anos a última série, isto é, a quarta série, geralmente essa prática ocorre por um período de dois a três anos (OLIVEIRA, ROSY E PIRES, 2006, p.69).

É uma comunidade dispersa, ou seja, as moradias são distantes umas das outras, algumas chegando a 20 km de distância entre elas. As escolas, por esta razão, acabam ficando distantes das casas dos alunos, sendo que alguns destes andam em média 10 km para chegarem na escola, pois na comunidade não é ofertado o transporte escolar. Em razão disso, no período chuvoso, muitos alunos começam a faltar às aulas, pois os riachos e córregos que passam pela comunidade enchem a ponto de impedir por um determinado tempo a passagem.

Outro problema em relação à educação na comunidade é o alto índice de analfabetismo entre os adultos. Segundo levantamento da Secretária de Educação do Estado do Tocantins - SEDUC/TO, realizado durante a Força Tarefa Kalunga (2008), 80% dos adultos da comunidade não sabem ler e nem escrever.

Outros fatores que também dificultam a escola a desenvolver sua verdadeira função social, é que o material didático é o mesmo utilizado nas escolas para os não quilombolas, e, em momento algum, faz referências à cultura Afro, nem tão pouco retrata o modo de vida da comunidade com suas particularidades.

A maioria dos professores não são da comunidade, são pessoas da cidade que, a única oportunidade de trabalho que encontraram foi dar aula na comunidade. Também ocorre uma grande rotatividade dos mesmos, seja por não se adaptarem com a vida na comunidade ou por questão políticas, pelas quais são substituídos de acordo com interesses de autoridades locais.

Os professores que são da comunidade são apenas dois, seu Pedro Torres e seu Adão Francisco Rocha, professores leigos que não têm formação do ensino médio completo e por isso sentem dificuldades em dinamizar o processo educativo. Segundo informações obtidas na Secretária Municipal de Educação do município de Arraias, eles, e também os que não são da comunidade, não tiveram nenhuma formação específica voltada às questões culturais presentes na comunidade.

Outra consideração refere-se às conquistas que a população quilombola vem

adquirindo desde o advento da Constituição Federal de 1988. Entretanto, as condições em que se encontra, não só a comunidade Mimoso do Kalunga, como também outras no Tocantins e no Brasil como um todo, mostra que esses direitos parecem ainda estar aquém do esperado, sendo que nestes espaços ainda se faz presente a fome, a miséria, o analfabetismo, os conflitos por terras, as expropriações provocadas por fazendeiros, grileiros e outros, pondo em riscos culturas, saberes e patrimônios culturais dos quilombolas.

Atualmente, depois da construção da nova escola Polo Matas, se encontra em uma estrutura diferente, antes da reforma a direta (foto 4) e diferente em uma nova estrutura (foto 5), porém tem alguns desafios a serem enfrentados.

Foto 3 - Escola Municipal Polo Matas antes da construção



Fonte: Sandra Regina Evangelista Araújo (2012).

Foto 4. Escola Polo Matas depois da construção.



Fonte: Manoel Júnior/Governo do Tocantins (2019).

Os estudantes da comunidade quilombola do Kalunga do Mimoso, em Arraias, no sudeste do Tocantins, não vão mais enfrentar salas de aula com mofo, sem banheiro e com a estrutura comprometida.

Após 16 anos de luta, a comunidade quilombola Kalunga do Mimoso, localizada a 120 quilômetros de estrada de chão da cidade de Arraias, sudeste do Tocantins, recebe a escola municipal polo das matas em uma parceria inédita com a prefeitura de Arraias e o governo do estado, via recursos da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC, com articulação da secretária de povos originários e tradicionais (sepot).

A solenidade de inauguração ocorreu dia 26 de janeiro de 2024, na escola Polo Matas com a presença da população do território e autoridades, com o apoio a solidariedade do Sabino dos Santos Rosa que doou um pedaço de seu território para construção da escola com melhor estrutura onde vai acolher vários alunos das escolas próximas daquela comunidade.

No dia da inauguração á relârelatos que moradores fucaram satisfeitos com a obra que foi concluída, porque antigamente saía para estudar e voltava para casa com rios cheios, sem ônibus escolares, a gente tinha que ir a pé ou de cavalo, as aulas as vezes aconteciam debaixo de rancho, e árvores, relata moradora então: me sinto gloriosa pelo que sou hoje enfrentei muita dificuldade. Para estar aqui. Hoje é um marco do fim completo dessa luta para nós. através dessa escola teremos muitas melhorias pra o nosso povo. É uma riqueza, um luxo comenta Eva dos Santos Rosa coordenadora de merenda escolar e quilombola da comunidade Kalunga do mimoso.

Foto 5. Inauguração da Escola Polo Matas



Fonte: Manoel Júnior/Governo do Tocantins (2024).

3.4 Uma nova estrutura em Kalunga do Mimoso

Os agrupamentos familiares ficam distantes uns dos outros e, em muitos casos, as moradias são isoladas, distando até 20 km umas das outras. Nessa mesma situação encontram-se as escolas, obrigando boa parte dos alunos a irem para as aulas à pé ou à cavalo. Isso porque em muitos casos não há estradas por onde possa passar o transporte escolar. Nos casos onde há o transporte para os alunos, e dada as más condições das estradas, no período chuvoso o deslocamento rodoviário casa-escola é muitas vezes suspenso por falta de pontes e demais adversidades que os caminhos da zona rural padecem.

A escola Polo Matas Sabino dos Santos Rosa e Extensão Mimoso, situada na região das Matas, em Arraias -TO, é responsável por atender estudantes do Ensino Fundamental e Médio em regime de tempo integral. A escola atende turmas multisseriadas do pré-escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental, e turmas específicas para cada série no Ensino Médio. Os estudantes são oriundos da comunidade Kalunga e outras localidades próximas.

A escola conta com profissionais da rede estadual e municipal, com formações diversificadas, incluindo graduação e pós-graduação. Destacamos as formações dos professores nas áreas de Pedagogia, Matemática, Biologia, letras e Educação do Campo, contendo ainda professor com pós-graduação em nível de mestrado em curso de sustentabilidade juntos a povos e territórios tradicionais. Alguns professores buscam alinhar sua prática pedagógica aos valores culturais quilombolas. A escola incorpora elementos da cultura quilombola, como a dança suça e o canto de catira, que são apresentados em eventos escolares e fortalecem o vínculo com a comunidade. A disciplina de Cultura Quilombola é oferecida, abordando aspectos históricos, culturais e sociais dos Kalunga.

A instituição dispõe da seguinte Infraestrutura:

- 07 Salas de aula;
- 01 Sala de professores equipada com computadores para pesquisa;
- 01 Biblioteca;
- 02 Banheiros para estudantes;
- 02 Banheiros dos funcionários;
- 01 Cantina onde prepara os alimentos;
- 01 Pátio coberto para refeições e eventos;

- 01 Horta que contribui com a alimentação escolar.
- Apesar dos avanços, a escola enfrenta desafios como:
- Salas de aulas, com ausência de ar condicionado. Cada sala tem capacidades de estudar 30 alunos;
 - Estruturas inadequadas, como carteiras e quadros em estado precário;
 - Falta de arborização, o que intensifica o calor;
 - Condições das estradas, que dificultam o acesso, especialmente durante o período chuvoso.

Segundo a matéria exibida pelo o jornal Brasil de Fato (2025), infelizmente, a escola enfrenta uma situação delicada onde desde do início do ano letivo de 2025, sete professores moram, de segunda a sexta, em barracas no prédio da Escola Municipal Polo Matas, no quilombo Kalunga do Mimoso, no município de Arraias (TO). Eles não têm acesso a transporte diário, e alguns chegam a passar 15 dias na unidade de ensino, que atende aluno dos níveis fundamental, da rede municipal; e médio, sob responsabilidade do estado do Tocantins. Esses professores, colocaram suas barracas em uma sala improvisada, e passam as noites desconfortáveis e inseguros. Observa-se que na escola não tem acesso a um lugar apropriado para a higiene e alimentação adequada. (BRASIL DE FATO, 2025).

3.5 Direitos legais à educação em kalunga do Mimoso

Para boa parte desta população, a situação de descaso e abandono institucional vivida pelos afrodescendentes não cessou com o fim da escravidão e, tão pouco, com o advento da Constituição Federal de 1988, pois as comunidades quilombolas, em especial Mimoso do Kalunga, vêm, ao longo dos tempos, construindo um capítulo de luta pela permanência em seu território, além de apresentar também uma situação de precariedade em relação ao acesso às infraestruturas básicas necessárias para a manutenção de qualidade mínima de vida.

As comunidades quilombolas têm seu modo tradicional de viver que é expresso na sua cultura, seus costumes, festas, danças e hábitos próprios. Devido a essas características próprias é que o Estado Brasileiro reconheceu e criou leis específicas para tratar dos descendentes de ex-escravos. Os quilombos passaram a

ter seus direitos garantidos por lei a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, onde em seu Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, diz que: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos”.

Além da Constituição Federal, existe também um instrumento legal, de cunho internacional, que garante direitos e prioridades aos quilombolas. O Congresso Nacional aprovou, por meio do Decreto Legislativo de nº 143, de 20 de junho de 2003, o texto da Convenção de nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT. Esta Convenção reza sobre os povos indígenas e tribais, e foi criada em Genebra, em 27 de junho de 1989.

Além da garantia e permanência aos seus territórios e da proteção ao patrimônio cultural, concedidas aos quilombolas pela Constituição Federal de 1988, o Governo Federal vem tentando, desde 2003, desenvolver medidas para que a cultura, a história de luta e sobrevivência, e o modo de vida destes povos sejam inseridos em salas de aula, tanto nas próprias comunidades, como também fora delas. Entre estas medidas está a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008, que estabelece que se inclua no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira.

O governo federal também organizou políticas públicas voltadas aos quilombolas envolvendo a questão da educação:

Desde 2004, o conjunto de políticas governamentais voltadas para comunidades quilombolas passa a integrar um programa específico denominado “Programa Brasil Quilombola”. Coordenado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-SEPPIR, e integrado a diversos ministérios, com ações previstas em áreas como educação, cultura, saúde, agricultura e segurança alimentar, regularização fundiária, entre outras (BRASIL, 2005, p. 210).

Da oficialização da legislação e das políticas públicas voltadas aos quilombos até sua implantação tem-se um longo caminho a ser seguido. Araújo (2007) destaca que, apesar de terem sido criadas medidas para que os quilombolas tenham uma educação diferenciada, que respeite seu modo de vida e sua cultura, pouca coisa mudou na maioria dessas escolas, que seguem com conteúdos que ainda são elaborados para crianças das escolas urbanas, totalmente fora da realidade vivida pelas crianças quilombolas, que prioriza os conteúdos hegemônicos e elitistas.

Neste sentido a autora afirma que:

As sonhadas mudanças no currículo para incorporar a cultura local ainda não ocorreu. Diferente das escolas indígenas, que costumam ter horários ou dias próprios para repassar seus costumes e saberes, na maioria das escolas quilombolas segue o currículo comum. A exceção fica na comunidade Kalunga, em Goiás, que teve a história do povo publicada em livro usado nas aulas (ARAÚJO, 2007, p. 211).

Além da ausência de um currículo e conteúdo próprio, a infraestrutura da maioria das escolas quilombolas ainda está muito aquém do desejado, mesmo com a destinação de verbas específicas para tal fim.

3.6 Conflitos Fundiários Kalunga do Mimoso

A liberdade que os negros de Arraias conquistaram, quando fugiram da escravidão das minas de ouro no século XVII, pode desaparecer. Na comunidade Mimoso do Kalunga vivem, hoje, cerca de 250 famílias que correm o risco de deixar a terra onde já viveram cerca de 15 gerações de descendentes de escravos (CAVALCANTE, 2005).

Os conflitos que a comunidade quilombola Mimoso do Kalunga vem enfrentando não são novos, apenas mudaram-se os personagens. Antes eram os capturadores de escravos fugitivos a mando dos senhores de escravos, hoje são os “novos senhores” que tentam expulsá-los de suas terras. Esta comunidade vem ao longo dos tempos sofrendo um processo de expropriação de seu território em função de continuadas pressões realizadas por fazendeiros, grileiros e outros atores que se estabeleceram nessa área.

A história de Kalunga do Mimoso se repete por muitas das comunidades quilombolas espalhados pelo território brasileiro. A maioria das comunidades quilombolas teve, e em alguns casos ainda estão sofrendo, a expropriação de seus territórios e, conseqüentemente, de seus modos de vida. Como objetivo de se apropriar da maior área possível das terras da comunidade, fazendeiros, grileiros e garimpeiros não hesitam em realizar ações ilegais, geralmente com violência, para expulsar os quilombolas do território que seus ancestrais escolheram para viver, e que à gerações vem passando de pai para filho.

Outro fato que causou indignação ocorreu no dia da eleição para prefeito, no ano de 2008. Como nesse dia as pessoas da comunidade se deslocam para a cidade para votarem e são conduzidas juntas por carros contratados pelo Tribunal Regional Eleitoral, nas casas da comunidade ficam somente os idosos que não são

obrigados a votar.

No dia da referida votação, enquanto os adultos estavam ausentes, um grupo de motoqueiros invadiu a comunidade, após fazer arruaça quebrando e destruindo o interior de algumas casas que iam encontrando, espancaram alguns idosos que encontraram. Nenhum deles morreu, mas além dos hematomas, a violência abalou psicologicamente as pessoas agredidas. Novamente a polícia foi acionada, e após colher depoimentos e tirar fotos das casas atingidas e dos idosos agredidos, prometeu punir os responsáveis, porém, até o momento, ninguém foi responsabilizado.

Representantes de órgãos públicos vêm destacando a situação caóticas dos quilombolas de Mimoso a vários anos. O superintendente de Promoção dos Direitos Humanos da Secretaria Estadual de Cidadania e Justiça do estado de Tocantins, Crimério Pacheco, já no ano de 2008, relatou os conflitos na área, destacando que: “[...] essa comunidade vive em permanente conflito com fazendeiros, que os ameaçam de morte, queimam suas propriedades e casas e ainda trancam porteiros com cadeados”. (SECOM, 2008).

Além dessa queixa, onde, como já foi dito, os fazendeiros se utilizam da justiça para intimidá-los, há relatos e fatos de que alguns quilombolas ao procurarem a justiça em Arraias para registrarem ocorrências de danos nas suas propriedades, não estariam sendo atendidos, sendo lhes negado esse direito.

No documento, as entidades descrevem que os moradores da comunidade quilombola Mimoso do Kalunga vem convivendo com ameaças de todos os tipos, como por exemplo, a proibição de realizar as atividades de plantação de roças. Inclusive, há casos em que os fazendeiros da região estão exercendo forte pressão e intimidação para expulsar os quilombolas de suas terras. Relatam, ainda, haver indícios de participação de agentes políticos da cidade e do estado, ao agirem de forma arbitrária com relação ao tema. Por fim, tiveram conhecimento de que, ao procurarem a Delegacia local, os quilombolas não estariam obtendo a assistência necessária, sendo negados registros de ocorrências e investigações (MPF, 2010).

De acordo com o relatório apresentado a secretária estadual de Cidadania e Justiça, a situação conflitante aqui apresentada demonstra a realidade crítica em que vivem esses quilombolas, que, apesar de terem seus direitos garantidos por leis, decretos presidenciais e pela constituição, vivem em constante tensão devido às ameaças que sofrem.

4. CULTURA E TRADIÇÕES

O termo cultura está agregado em vários contextos ligados aos modos de vida e de ser das pessoas, onde se incluem as manifestações, saberes e fazeres que são transmitidos de geração em geração, sabendo que ela não é estática, pois cada comunidade tem seus modos de vida e reprodução social, e com isso, pode sofrer mudanças ao decorrer do tempo, pois cada cultura é dinâmica, e elas vão se modificando pelas mudanças da própria sociedade. Todavia, percebe-se que os povos tradicionais sofrem influências externas e internas. Para Laraia (2009, p.48) “[...] a cultura, mais do que a herança genética determina o comportamento do homem e justifica suas realizações [...]”.

A cultura faz parte do nosso cotidiano, pois vivemos em uma sociedade que as comunidades tradicionais têm seus traços seculares ainda muito presentes, onde se vê necessário preservar esses traços culturais que vem dos antepassados, sabendo que os saberes e fazeres são essenciais para agregar valores culturais que são fundamentais para preservar as histórias dos povos tradicionais e suas memórias.

Ao mencionar o termo cultura como modo de ser das pessoas, seus saberes e fazeres, costumes e crenças, Laraia (2009, p. 68) aponta que “[...] indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas [...]”. À vista disso, precisamos compreender o conceito de cultura.

Culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos teóricos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas e assim por diante (LARAIA, 2009, p.59).

Ao considerar que este sujeito constrói sua identidade em um ambiente de tanta complexidade e que as ações humanas representam suas compreensões de sociedade, cultura e economia, permitindo repensar ações que transformam gerações futuras e modificam por conseguinte os tempos posteriores “[...] podemos, assim, refletir sobre as experiências vividas no passado e no presente, no local, na região, no país; e nesse sentido, podemos organizá-las, registrá-las, reconstituí-las,

na forma que elas não se percam e passem a fazer toda parte da nossa cultura, das nossas tradições” (FONSECA, 2012, p. 237).

Seguindo essa linha de pensamento de Laraia, observa-se que a cultura de um povo depende de vários fatores, tais como organização dos modos de vida, relações sociais, relação com a natureza, com seus costumes, saberes e fazeres, entre outros fatores que determinam seus modos de ser e existir enquanto grupo ou comunidade.

Diante desse ponto de vista é importante entender que há diferentes fatores que colaboram para a formação das peculiaridades singulares do ser humano. Sobre isso, Silva (2013, p. 202) descreve que “[...] a identidade é um sistema de representações que permite a construção do “eu”, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros”.

4.1 Folia de Reis

Entre algumas manifestações culturais está a Folia de Reis, cujo ciclo é realizado no mês de janeiro, iniciando no dia primeiro e terminando no dia seis. Para essa comunidade, a folia se torna um momento de grande importância religiosa, mas ao mesmo tempo, extrapola esse papel, pois é uma oportunidade para que as pessoas, principalmente as mais velhas, sintam-se sustentadas pela crença de sucesso nas suas plantações, garantia de fartura e também de melhores condições financeiras. Além disso, a manifestação torna-se um momento propício para a transmissão de valores entre gerações, reafirmação de princípios de fé cristã e resistência cultural. (SANTOS; SANTOS; ARAÚJO, p. 644, 2020).

A folia, como manifestação cultural da comunidade, vem sendo feita há muito tempo, com o objetivo de manter a tradição e fortalecer a cultura. Em uma primeira aproximação, tratamos de compreender o seu significado para a comunidade através da sua origem e história contada pelos mestres, membros mais velhos da povoação.

A formação das folias de reis busca estabelecer a perpetuação da peregrinação dos Santos Reis, repetindo-a anualmente em suas jornadas ou giros. Os foliões se reúnem em torno da prática musical e distribuem-se em posições que compreendem especializações vocais, instrumentais e rituais. Além de distinguir registros diferentes na composição coletiva da toada (o estilo musical característico das folias), as posições também estão ligadas a uma distribuição espacial específica

dos foliões no cortejo.

Na foto 6, os foliões organizando os cavalos para iniciar o giro da folia na Comunidade Kalunga do Mimoso, em janeiro de 2020.

Foto 6. Foliões organizando os cavalos.



Fonte: Tatiane Rosa (2020).

Os foliões (Guia e mestre-guia) entoam cantos acompanhados de instrumentos como pandeiros, viola, caixa. Além dos cantos sagrados, de agradecimento; os foliões cantam também rodas, que são entoadas nos momentos de descontrações e diversões, durante as pausas do giro. Os alferes seguem sempre à frente do grupo transportando a bandeira, estampada com a imagem do santo. Ao chegar nas casas, os devotos recebem com muito respeito e beijam com muita fé.

A bandeira é o símbolo do Reis, que vai à frente do cortejo. Fisicamente, é apenas um pedaço de tecido com o nome do conjunto, adornada com figuras de santos, como a imagem de São José ou da Família Sagrada, destacada com uma moldura de papel laminado, mas assim como também ocorre em manifestações étnicas e religiosas como o Divino, o Moçambique e o Congado, a importância simbólica da bandeira para o Reis é enorme (DANTAS, 2018, p. 142).

Foto 7. Bandeira da Folia do Mimoso.



Fonte: Dinomar Rosa (2020).

A bandeira é levada à frente do cortejo, tendo sempre uma pessoa responsável, geralmente o arfe-lo (ou alferes) para carregá-la e apresentá-la ao morador da casa. Nesse momento, ao ser convidada para ingressar na casa, cabe ao mestre, também chamado de embaixador ou guia, que é o integrante responsável pelos versos de improviso (as embaixadas), coordenar a saudação dos foliões à família que os recebe, sendo acompanhado pelos demais cantores.

4.1.1 O Arremate

O arremate consiste no ritual da chegada da folia, que é realizado ao anoitecer do dia 6 de janeiro, Dia de Santos Reis. É um dos momentos mais esperados pelos moradores e devotos da Comunidade Quilombola do Mimoso, pois é o momento em que os foliões encerram a jornada do giro.

De acordo com a tradição cristã no dia 06 de janeiro comemora-se o dia de Reis, que foi o dia em que os três reis magos levaram presentes a Jesus Cristo. E na Comunidade Quilombola do Mimoso o dia 6 de janeiro foi escolhido para celebrar o último dia de novena e a confraternização com o arremate da folia, tendo a participação dos moradores locais, das comunidades vizinhas e pessoas dos municípios circunvizinhos.

Os foliões entoam o canto de chegada, em frente à capela, em seguida entoam o canto do altar, dentro da capela. Após a cantoria é realizada a reza, que é conduzida pelos moradores, pois na comunidade tem as pessoas que rezam e também um pessoal da igreja de Arraias que vai no dia para ajudar neste momento.

Após a reza, realiza-se a entrega da bandeira para os novos festeiros, esses festeiros eles mesmos que se dispõem em realizar, se oferecem espontaneamente para realizar a festa, onde os mesmos têm o compromisso de organizar a folia e o festejo, do ano seguinte, mantendo assim a tradição da comunidade.

Outras se oferecem para ajudar, em devoção a Santos Reis. Conforme pode ser observado na (Foto 8) elas preparam comida em abundância, em grandes tachos, que são distribuídas aos foliões e demais participantes da festa. Nesse dia ou um dia antes os festeiros matam uma vaca ou mais, conforme a quantidade de pessoas participantes da festa. Assim são preparados deliciosos pratos, com carne de gado, guariroba, arroz, feijão entre outros alimentos disponíveis na comunidade. Ressalta-se que a comunidade tem muito apreço em colaborar com a realização da festa, quer seja fazendo doações de mantimentos, quer seja no preparo dos alimentos.

Foto 8. Preparação do jantar para os foliões



Fonte: Tatiana Rosa (2020).

4.2 A dança Bolé

De acordo com dados do Calendário Cultural Arraias-TO de 2014, que trata do Mapeamento do Patrimônio Cultural Imaterial de Arraias, apresenta uma ficha com a descrição breve do Bolé, esse documento foi construído pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo em Parceria com a Secretaria Municipal de Educação, descreve o Bolé.

O Bolé é uma manifestação cultural e secular exclusiva da Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso, especificamente localizadas nas Matas é realizada para agradecer a colheita ou em comemoração aos santos que a comunidade tem

devoção como: Santos Reis, comemorado em 06 de janeiro, Nossa Senhora das Candeias em 02 de fevereiro, São José em 19 de março, Santo Antônio em 13 de junho e São João em 24 de junho.

Os instrumentos usados no Bolé são a caixa e o pandeiro, ambos feitos de couro e de madeira. São formadas duas filas uma de mulheres a outra de homens de frente uns para os outros para que possam formar pares. Em seguida, o homem recita um verso todos acompanham batendo palmas. Depois que o cavaleiro recitar o verso, segura na mão da dama e juntos começam a sapatear, até o final da fila e cada um vai para seu lugar. Continuam a “jogar os versos” e assim dançam seguidamente até acabar a fila.

Os versos remetem à vida cotidiana, bem como, ao motivo da festa, romances, causos etc. O Bolé também é praticado no Kalunga de Goiás – Vão do Moleque, onde buscam o resgate da tradição. Nas Matas, tal cultura ainda é viva e praticada constantemente, no entanto, os mais jovens resistem a perpetuação da prática. (CALENDÁRIO CULTURAL DE ARRAIAS, 2014, p. 1-2).

As manifestações culturais representam a identidade das comunidades, como aponta Silva (2013, p.85), que as manifestações culturais de uma sociedade apontam características de pertencimento de indivíduos a um grupo, desta forma ao identificarmos as principais manifestações culturais de um local podemos compreender os múltiplos elos identitários desta sociedade, considerarmos que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo.

Em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no palco concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento apreendido, de modo independente da questão biológica.

As manifestações culturais são de suma importância para a comunidade especialmente no caso do Kalunga do Mimoso que vem de uma longa luta para promover a cidadania e a resistência às manipulações e opressões históricas. Na foto 9 trata-se da dança Bolé e alguns instrumentos utilizados nessa tradição.

O Bolé caracteriza-se como uma dança, onde são organizados em pares soltos, de no mínimo seis, que por meio de versos, rimas e músicas, vão cantando e dançando de forma animada, organizados em duas filas, uma de frente para a outra, e vão se apresentando em pares até que todos possam se apresentar.

Foto 9. Museu Histórico e Cultural de Arraias – MHCA



Fonte: Tatiane Rosa (2016).

4.3 Suça: dança negra nas festividades da comunidades Kalunga do mimoso

Todas as festividades religiosas em Kalunga do Mimoso são realizadas durante o ano, onde podemos ver, por exemplo, a suça na Folia de Santos Reis, festejo importante no calendário religioso dos quilombolas para aquela localidade. Na maioria dos festejos, após as devoções aos santos, os brincantes dançam a suça e também outras danças.

A palavra suça vem a partir dos estudos mencionados, notamos que a musicalidade, a corporeidade e presença do negro estão presentes na tradição, ancestralidade e pertencimento mantidos por meio da expressão popular da dança, nas diferentes comunidades e regiões do Tocantins. E ao observarmos a atividade da suça nas festividades da comunidade remanescente de quilombo Kalunga do Mimoso, é perceptível a alegria dos participantes dessa prática que, segundo as narrativas dos moradores, a enxergam como diversão, momento de distração que une a comunidade.

O encontro entre a suça, o quilombo e os remanescentes de quilombos representam um capítulo da história cultural brasileira, no qual três expressões distintas encontram um terreno comum para se entrelaçarem. Inicialmente podemos apontar alguns estudos que tratam do termo quilombo, a partir do seu uso na historiografia. Na imagem a seguir, temos um entendimento melhor da diversão e distração dos moradores do quilombo e a organização entre eles.

Foto 10. Quilombolas dançando a suça em Mimoso do Kalunga



Fonte: Ascom – Seduc – Assessoria de Comunicação da Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins (2021).

Recorrendo novamente às pesquisas de Zitzke e Reis (2020, p. 114), sobre o estudo das festas, estes pontuam que, “a presença dos negros ou as festas de negros, assumiram um papel histórico, político e religioso demarcado de ceticismo e ideologias anticristãs, onde as danças realizadas possuíam um caráter religioso ligado às suas ancestralidades” e nessa perspectiva, visualiza-se a prática da suça como resistência pela continuidade da tradição na comunidade.

Entendemos que a suça nas comunidades de remanescentes de quilombo, no Tocantins, em geral, é passada pelos mais velhos aos mais novos, apesar das dificuldades em encontrar crianças e jovens que queiram participar de grupos, coletivos, que tem como objetivo a perpetuação dessa manifestação cultural.

A pesquisadora Nelzir Martins Costa (2020), pontua em seus estudos que, na comunidade de Chapada de Natividade “a dança da súcia ou suça, sempre foi praticada na região e a comunidade vem envidando esforços para não deixar a tradição morrer, visto que as gerações mais velhas é que dançavam” (COSTA, 2020, p. 134).

Assim, como dança não é apenas uma manifestação cultural, mas também um símbolo de união e comunidade. Quando os praticantes se reúnem para dançar a suça, estão fortalecendo laços sociais e celebrando sua identidade compartilhada. Ela é uma lembrança constante da memória ancestral e da importância das raízes afro-brasileiras na formação da comunidade.

José Maurício Arruti (1997) dispõe que:

[...] cultura e origem comum emergem, passando a ser plenamente tematizadas pela comunidade e tornando-se objeto de reflexão para o próprio grupo. A mobilização desses elementos de identidade leva a uma nova relação com o passado e com as 'reminiscências' [...] num esforço de reconstrução de uma continuidade na maioria das vezes perdida, levando ao que Hobsbawm e Ranger chamaram de 'invenção da tradição', isto é, uma reapropriação de velhos modelos ou antigos elementos de cultura e de memória para novos fins, em que o passado serve como repertório de símbolos, rituais e personagens exemplares que até então poderiam ser desconhecidos pela maior parte da comunidade (ARRUTI, 1997, p. 27-28).

Assim, observamos uma ressignificação da dança da suça, à medida que os participantes sentem a necessidade de dar continuidade a essa manifestação cultural, e tradicional, visto que, em meio a modernidade, a tecnologia, também há o empenho de inserir essas expressões culturais nas redes sociais, com o intuito de ter visibilidade, torná-la conhecida, mas também como expressão de arte e instrumento de luta contra o racismo.

A suça na comunidade Kalunga do Mimoso é um elemento de resistência, podemos perceber na formação de coletivos para a preservação dessa tradição negra, do antigo norte goiano, hoje, Tocantins. Temos nos praticantes dessa expressão popular, a continuidade da construção da identidade por meio dessa manifestação cultural, como discorre Stuart Hall:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 39).

Enquanto expressão cultural se manter viva até os dias, atuais atravessando os séculos desde a formação dos quilombos como expressão de resistência à escravidão, assim como nas comemorações das comunidades pelo processo de reconhecimento sobre seus territórios e terras de pertencimento. A dança da suça também está presente em quase todas as comunidades quilombolas onde houve exploração do ouro. Importante destacar que, como manifestação cultural, também tem suas peculiaridades de acordo com cada comunidade e região em que se faz presente. Não podendo generalizar a maneira como as comunidades dançam, tocam e cantam a suça.

A definição de suça e, por conseguinte, dos estudos que tratam sobre sua representatividade, encontramos alguns autores que trazem alguns aspectos importantes a serem considerados como um "complexo performático" na percepção

de Thaís Teixeira de Siqueira, (2006):

A suça pode ser definida como um gênero musical coreográfico, ou seja, inclui um repertório musical, uma forma de tocar e cantar e uma forma de dançar. Pode ser vista como um complexo performático, pois para a sua execução em momentos festivos cria-se toda uma performance pelas pessoas que a executam. (SIQUEIRA, 2006, p. 95).

A suça na comunidade Kalunga do Mimoso, enfoca a alegria, a união, ancestralidade e pertencimento. A dança da suça é dessa maneira, a soma das misturas dos batuques nos tambores, dos toques da viola, das batidas dos pandeiros, da caixa, do modo de dançar, renovando o processo histórico de transformação ao longo do tempo, construindo a identidade dos dançadores, tocadores e simpatizantes dessa manifestação cultural. Como afirma Stuart Hall:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturada; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p. 108).

E ao observarmos a atividade da suça nas festividades da comunidade remanescente de quilombo Kalunga do Mimoso é perceptível a alegria dos participantes dessa prática que, segundo as narrativas dos moradores, a enxergam como diversão, momento de distração que une a comunidade.

5. TECENDO CONSIDERAÇÕES

O trabalho em questão, trouxe-nos várias reflexões, entendemos que se trata de um tema delicado, complexo e ao mesmo tempo necessário para a cultura e educação das comunidades quilombolas do Brasil, e em especial para o Estado do Tocantins.

Abordamos temas e assuntos importantes e interessante para a comunidade Kalunga do Mimoso em Arraias – TO. O presente trabalho levantou questões responsáveis por transmitir visões de mundo, experiências de vida, e também ideologias e especificidades traduzidas em uma linguagem simbólica. Por intermédio dessa linguagem revelamos verdades, crenças, vontades que possibilitam a compreensão do outro e sua identidade mediada pelo território que os quilombolas ocupam.

Destacamos o importante papel da formação de docentes diante do contexto intercultural, abordamos ainda, as diferentes culturas e áreas de saberes pedagógicos, alinhando sua prática ao contexto o qual o seu aluno está inserido, sendo o mediador do conhecimento em constante diálogo com os alunos, em um processo de ação e reflexão, para entender como são os educandos como sujeitos de sua aprendizagem.

Nesse sentido, a caracterização da comunidade citada demonstrou que merece uma atenção especial por parte do poder público, pois são formadas, principalmente, por pessoas que exercem atividades rurais, entende-se que a maior parte das famílias sobrevivem com uma renda abaixo do salário mínimo e que não supre suas necessidades básicas. Portanto, a falta de mais escolas, postos médicos e condições sanitárias nas comunidades revelam sua vulnerabilidade social e a exclusão das condições plenas de cidadania à qual estão submetidas impedindo os avanços socioeconômicos do quilombo.

Em relação, às danças e cultura do quilombo verificou-se que o Bolé está na categoria das formas de expressões e se apresenta como uma prática cultural que acontece na comunidade quilombola Kalunga do Mimoso, portanto entende-se que é de responsabilidade organizacional dos mais idosos da comunidade.

Sabemos que a folia de reis é considerada, como manifestação cultural da comunidade, e vem sendo feita há muito tempo, com o objetivo de manter a tradição e fortalecer a cultura. Desde seu início compreendemos o seu significado para a

comunidade através da sua origem e história contada pelos mestres, membros mais velhos da povoação. A folia trouxe um momento propício para a transmissão de valores entre gerações, reafirmando princípios de fé cristã e resistência cultural.

A dança suça também está presente quase em todas as comunidades quilombolas onde houve exploração do ouro. É de grande importância destacar que como manifestação cultural, também tem suas peculiaridades de acordo com cada comunidade e região em que se faz presente. Não podendo generalizar a maneira como as comunidades dançam, tocam e cantam a suça.

Sabemos que as comunidades quilombolas e tradicionais possuem sua forma marcante de praticar a dança da suça, conferindo certa originalidade na sua representação. Dessa forma, os praticantes de suça do quilombo cantam as canções que se relaciona com a vivência dos seus ancestrais e com suas próprias tradições, narrando musicalmente a história da comunidade por meio dos versos cantados, momento de alegria e diversão em que a coletividade está unida pelo elo do pertencimento e da ancestralidade.

E assim, as folias mostram como são de grande importância a forma de representação da cultura popular e da manutenção das tradições populares, sendo todas as folias e danças do Território Kalunga do Mimoso um exemplo vivo dessas tradições, mantida por todos os moradores que compreendem a importância cultural da preservação dessa manifestação e que, assim, se mostram responsáveis por manter viva a tradição e a devoção religiosa, expressa por uma fé que se faz representada por diversos símbolos e significados, que vão desde a estrutura e o conteúdo dos cantos até a decoração dos locais de visita e culto.

Destacamos ainda, quão é importante o papel da formação docente diante do contexto intercultural, no diálogo com as diferentes culturas e áreas de saberes pedagógicos, o trabalho teve como objetivo não somente mostrar a realidade social e cultural dos quilombos, mas também alinhamos como a educação e a docência estão relacionados ao contexto do qual o professor está inserido, sendo o mediador do conhecimento em constante diálogo com seu aluno. Entendendo o seu educando como sujeito de sua aprendizagem.

Reforçamos a importância de adequar não somente as melhorias estruturais como também os investimentos financeiros e educacionais na formação continuada para os professores, onde podem fortalecer o ensino e cultura nas comunidades quilombolas.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios.** Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios#:~:text=O%20Censo%202022%20encontrou%20473.970,MG%20\(15.000\)%20em%20seguida](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios#:~:text=O%20Censo%202022%20encontrou%20473.970,MG%20(15.000)%20em%20seguida). Acesso em: 24.dez.2024
- ANDRADE, S. P., Teles, A. F., Souza, L. O.; Silva, L. C., Oliveira, R. J., Santos, M. G., & Seibert, C. S. (2015). **A distribuição da hemoglobina S em três comunidades quilombolas do estado do Tocantins-Brasil.** *Scientia Amazonia*, 4(1), 10-20. <http://dx.doi.org/10.19178/Sci.Amazon.v4i1.10-20>
- ARAÚJO, S. R. E., & Foschiera, A. A. (2012). **As contradições entre a realidade socioeconômica da comunidade quilombola Mimoso do Kalunga e a garantia dos direitos legais de educação e território.** *Revista Pegada*, 13(2), 203-227. <https://doi.org/10.33026/peg.v13i2.1831>
- ARAÚJO, Valéria Costa. **O projeto educacional quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais.** 2007. Disponível em: <http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-diversidade>. Acesso em: 10.mar.2025
- ARRUTI, José Maurício. **Políticas Públicas para quilombos: terra educação e saúde.** In: PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana (Org.). Caminhos convergentes: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação, Heinrich Boll, ActionAid, 2009.
- BRASIL, Maria do Carmo. **Formação do campesinato negro no Brasil: reflexão categorial sobre os fenômenos, “quilombos,” “remanescentes de quilombo” e “comunidade negra rural.”** 2005. Disponível em: http://www.famper.com.br/2010/downloads/artigos_pdf/07.pdf Acesso em: 01.fev.2025
- BRASIL. Presidência da República. **LEI Nº 7.668, DE 22 DE AGOSTO DE 1988.**
- BRASIL. Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas. **Racismo como Determinante Social de Saúde.** Brasília, DF: SPAA, 2011.
- BRASIL DE FATO. **Professores dormem em barracas e moram em escola de educação quilombola no Tocantins.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/04/21/professores-dormem-em-barracas-e-moram-em-escola-de-educacao-quilombola-no-tocantins/> <https://www.brasildefato.com.br/2025/04/21/professores-dormem-em-barracas-e-moram-em-escola-de-educacao-quilombola-no-tocantins/> Acesso em: 22.Abr.2025
- BURNHAM, Terezinha Fróes. **Educação ambiental e reconstrução do currículo Escolar.** In: Cadernos CEDES, nº 29, 1 ed. São Paulo: Papyrus, 1992. p. 21-29.

CAVALCANTE, Aluisio. **Fazendeiros ameaçam descendentes de escravos em Tocantins**. 2005. Disponível em: <http://casacivil.to.gov.br/noticias.php?id=627>. Acesso em: 20. Fev. 2025

CORDEIRO, Rosolinda B. Abreu. **Arraias, suas raízes e sua gente**. Goiânia: Abril, 1991.

COSTA, Nelzir Martins. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (Pnbe) 2013: Literatura e as Relações Étnico-Raciais na Escola**. Universidade Federal do Tocantins Câmpus de Araguaína Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura. Araguaína-TO, março, 2020. cultural. São Paulo: Thomson.

DANTAS, Fred. Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia. In: SANTOS, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério (Org.). **Educação musical na educação do campo: outras epistemologias**. Palmas: EdUFT, 2018, p. 115-177. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7668.htm. Acesso em: 23 abr. 2021.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. 3ª ed. rev e amplo. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FUNDAÇÃO EUCLIDES DA CUNHA DE APOIO INSTITUCIONAL À UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (FEC-UFF). (2009). **Avaliação Diagnóstica: Acesso das Comunidades Quilombolas aos Programas do MDS**. Brasília. Recuperado de: <https://www.sigas.pe.gov.br/files/0809201711452330.acesso.quilombolas.aos.programas.pdf>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: 4.º ed. Atlas S.A. 2002.

González-Rey, F. (2003). Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico.

GOVERNO DO TOCANTINS. **Comunidades quilombolas**. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secult/comunidadesquilombolas/6njfrsueivpa#:~:text=Atualmente%2C%20segundo%20dados%20da%20Fundação%20A7%C3%A3o,norte%20a%20sul%20do%20Estado>. Acesso em: 07. Nov. 2024

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JORNAL DA USP. **A escravização e racismo no Brasil, mazelas que ainda perduram**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/> Acesso em: 18. Set. 2024.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 5.ed. ver. Ampl. São Paulo: Atlas, 2001. P. 43-44

MAZAMA, A. **A Afrocentricidade como um novo paradigma**. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 111-128.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998.

BRASIL, MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Responsável pela prospecção de fosfato respondeu a questões sobre autorização para pesquisa e lavra em área de comunidade quilombola**. 2010. Disponível em http://noticiaspgr.mpf.gov.br/noticias-do-sit/copy_of_ind. Acesso em: 20. Fev. 2025

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MOURA, CLÓVIS. *Quilombos: resistência ao escravismo*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. Editora Ática S. A., São Paulo. 1988.

MOURA. Rede Proletária. Professor Clóvis Moura- Brasil País Inconcluso. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81iRUk-OehU&t=49s>
Acesso em: 09. Set.2024

NERY, T. C. S. (2004). Saneamento: ação de inclusão social. *Revista Estudos Avançados*, 18(50), 313-321. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100028>

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Rosy e PIRES, Liberac C Simões. **Sociabilidades Negras: comunidades remanescentes, escravidão e cultura**. Belo Horizonte: Gráfica Daliana LTDA, 2006.

PASSOS, J. C. *Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública*. 2010. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PASSOS, J. C. *Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública*. 2010. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias

Sociales, 2005.

RATTS, Alecsandro J. P. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RATTS, Alecsandro J. P.; COSTA, Kenia Gonçalves; BARBOSA, Douglas da Silva. Obstáculos e perspectivas dos Kalungas no campo educacional. In: BRAGA, Maria Lucia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha; PINTO, Ana Flavia Magalhães. Dimensões da inclusão no ensino médio; mercado de trabalho, religiosidade educação quilombola. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2006, p. 315.

RELATÓRIO Antropológico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- INCRA. Disponível no Órgão. Acesso em 25/11/2010. Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins-RURALTINS.

REVISTA DE HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix> acesso em: 20. Fev.2025

RUIZ, 2006; BARROS; LEHFELD, 2007; MARTINS, 1994; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007.

SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

TOCANTINS, SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DO TOCANTINS - SECOM. **Principais**

manifestações culturais do Tocantins movimentam o Sudeste. 2008. Disponível em:<http://secom.com.br/2009/08/10/duas-das-principais-manifestacoes-culturais-do-tocantins-movimentam-o-sudeste/>. Acesso em: 20. Fev. 2025

SILVA, Petronilha B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SOUZA, L. O., Teles, A. F., Oliveira, R. J., Lopes, M. A. O., Souza, I. A., Inácio, V. S. S. I., & Seibert, C. S. (2013). Triagem das hemoglobinas S e C e a influência das condições sociais na sua distribuição: **um estudo em quatro comunidades quilombolas do estado do Tocantins**. *Revista Saúde e Sociedade*, 22(4), 1236-1246. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000400024>

ZITZKE, Valdir Aquino; REIS, E. A. Entre o Sagrado e o Profano: os corpos afrobrasileiros nas festas religiosas. In: BRESSANIN, César Evangelista F.; ZITZKE, Valdir Aquino (Org.) *Religiosidade no Tocantins*. v. 1. Curitiba: Editora CRV, 2020.

ANEXOS

Anexo A - [Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012](#) -

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. (p.21)

Anexo B - [Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012](#) - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. (p.21)

Anexo C - [Parecer CNE/CEB nº 8/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020](#) –

Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas. (p.21)